



Surdo é um termo que se refere a uma pessoa que não ouve. No entanto, a surdez pode ser temporária ou permanente, e pode afetar apenas uma das orelhas. A surdez pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo infecções, trauma e problemas genéticos. A surdez pode ter um impacto significativo na vida de uma pessoa, afetando sua comunicação e sua capacidade de aprender e trabalhar. No entanto, com o uso de aparelhos auditivos e técnicas de comunicação alternativa, as pessoas surdas podem superar essas barreiras e alcançar sucesso em todos os aspectos da vida.

1. INTRODUÇÃO:

Nesse artigo trago um breve contexto histórico a respeito do termo SURDO utilizado pelo homem, em especial a Sagrada Escritura por ser o livro mais usado e vendido no mundo. E também, pelo motivo que esse livro é sem dúvida referência para a cristãos no que tange uso e costume de vida.

Apresento também uma nova concepção no olhar para o termo SURDO, um olhar para o sujeito com potencial e eficiência, ao contrário do olhar do Velho Testamento à contemporaneidade, um olhar de deficiente e excludente. A palavra SURDO carrega uma carga ideológica história até a contemporaneidade, porém precisamos entender o conceito de signo ideológico nas concepções vygotskyana e bakhtinianas.

O signo não altera o objeto da operação psicológica mas transforma as conexões e as estruturas das funções psicológicas, determinando uma nova atividade instrumental no sujeito (VYGOTSKY, 2010, p. 96)

Mais adiante, o próprio Vygotsky dialoga que a cada contexto histórico um novo acordo de sentidos. Estes acordos são os signos ideológicos que ocorrem em conformidade as necessidades graças a vivacidade em que a língua necessita para sua própria existência.

Os signos são sempre signos sociais. Os signos e a linguagem apresentam existência enquanto possuidores de materialidade, ou seja, estão encarnados em determinadas condições sociais, históricas e ideológicas.(VYGOTSKY, 2010, p. 97-98).

Esse artigo, tratará desta concepção de signos ideológicas, pois a



cada palavra, um novo signo, a cada signo um novo acordo de sentido. Não há palavra sem signo ideológico, se não há signo ideológico não há palavra. Toda e qualquer palavra terá sua valoração nos enunciados, ou seja nas interações. Conforme Ribeiro e Sacramento.

A linguagem não é um meio neutro que passa livre e facilmente para a propriedade privada das intenções do falantes; ela é povoada - superpovoada - pelas intenções de outros. Expropriá-la, forçá-la a se render às intenções e acentos pessoais de alguém, é um processo difícil e complicado (Bakhtin, 1999c, p. 96).

Não há enunciado neutro no sentido de ausência de sentidos, a cada palavra seja “aquele aluno tem dificuldades, pois ele é surdo” ou “aquele aluno aprende pela visualidade, pois ele é visual”.

2. CONCEPÇÕES ARISTOTÉLICAS

355 a.C.O filósofo Aristóteles (384 - 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar (STROBELL, 2010, p. 18).

Em conformidade a pesquisadora Strobell e outros estudos o filósofo Aristóteles defendeu um pensamento extremamente equivocado e preconceituoso no que tange o sujeito desprovido de audição. Em alguns escritos temos relatos que o mesmo considerava o “surdo” aquele ser, não como humano, mas sim como “ser sem alma”, pois eram desprovidos de audição e fala.

O referido filósofo considerava a linguagem oral como única forma de manifestação de Deus no indivíduo. Aquele que não fala não pode se considerado como ser humano. Logo os romanos e a igreja Católica assim acordou os pensamentos aristotélicos, negando ao cidadão “surdo” todos os



direitos sociais como escrever, casar, receber heranças, ter filhos, frequentar igrejas e outras relações sociais. Afinal, eram tratados como incapazes fisicamente e intelectualmente.

Conforme Woodward a identidade é marcada pela diferença social, sendo esta simbólica estabelecida pelos acordos de sentidos no processo de interação das populações.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferenças – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença de uma população de forma tal que seria capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro. (WOODWARD, 2005, p. 39-40).

O ser humano tem a necessidade do apontamento, da classificação, do enquadramento, do agrupamento, da categorização, do destacamento deste ou daquele, aqui ou lá, dentro ou fora, certo ou errado, normal ou anormal, e assim seque as dicotomias sociais.

Vale ressaltar que toda e qualquer separação tem como objetivo o destaque e a valorização de um apontamento. Não teria sentido para o homem as classificações se este não tivesse como objetivo central a valoração de um e o descredenciamento do outro. Enquanto um é escolhido, ao outro cabe a segregação.

A identidade pessoal é ao mesmo tempo produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo. Se chega a esta consequência como resultado da compreensão da pessoa humana como um ser de história: a identidade pessoal se forma na confluência de uma série de forças sociais que operam sobre o indivíduo e diante das quais o indivíduo atua e se faz a si mesmo. Ao atuar, o indivíduo gera uma realidade e a conhecer como tal, porém por sua vez a ação se torna possível pelas forças sociais que se renovam no indivíduo (GONZÁLEZ-REY, 2005, p. 201).



O psicólogo González-Rey reafirma que a identidade do sujeito é constituída sócio-historicamente diante da influência social, mas também individual. O sujeito se visto como imperfeito, incompleto e incapaz este assim será moldado em suas ações e visões frente ao social. A cada palavra ideológica lançada, assim serão os acordos de sentidos em todas as esferas dialógicas.

3. CONTEXTO BIBLICO DO A.C AO D.C

Bakhtin compreende que o processo de constituição dos indivíduos é de natureza social, estabelecida em contexto cultural, a partir das relações com o Outro, mediadas pela linguagem. Assim se dá a construção da identidade dos sujeitos. Sujeitos da vida, sujeitos da história, sujeitos ativos, que se sujeitam aos pensares da sociedade, ao mesmo tempo em que os refratam. (SIEMS, 2010, p. 53).

O sujeito é o próprio olhar da sociedade conforme Siems, a construção da identidade de um indivíduo é o reflexo só outro do Outro sobre o mesmo. Se o sujeito com comprometimento auditivo numa análise médica é visto como demoníacos, imperfeito, pecador, possuído de espírito maligno e outros atributos excludentes, esse se comportará como tal, ou seja, não digno de convivência social.

Segundo a pesquisa de Miguel de Toledo Moraes, do Curso de Libras da cidade de Bauru/SP, a bíblia cita as palavras SURDO, MUDO ou SURDO-MUDO 26 vezes, incluindo o Velho e o Novo Testamento da Bíblia Sagrada, sendo assim distribuídas: 7 vezes como Surdo e 3 vezes como Mudo, no velho Testamento, e 16 vezes no Novo Testamento, sendo que 5 vezes como Surdo e 11 vezes como Mudo. Já a expressão " mudo-surdo " aparece 1 vez. Outros registros aparecem em que tais palavras não se relacionam à pessoa física do mudo ou surdo, ou mudo e surdo, conforme se vê a seguir:

3.1 Velho e Novo Testamentos



Nas palavras de Foucault, sujeito significa estar “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria ‘identidade’ por uma consciência ou autoconhecimento”. Refere-se a um sujeito capturado, que nas tramas históricas do poder e do discurso torna-se sujeito a (BENASSI, 2014, pg. 12,13).

Corroborando com Benassi, o sujeito é rotulado pelo seu contexto sócio histórico, as redes sociais embebecem o sujeito em suas mais profundas cicatrizes históricas, o sujeito começa a reproduzir o discurso que a ele é apresentado numa visão “geralmente” em virtude do seu “diferente” da dita “normalidade”.

Uso da terminologia *Mudo* e *Surdo* no Velho e Novo Testamentos, respectivamente:

E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem *mudo* e endemoninhado.

E, expulso o demônio, falou o *mudo*; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel (Mateus, 9.32,33. Grifo meu).

Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os *surdos* ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho (Mateus, 11.5. Grifo meu).

Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e *mudo*; e, de tal modo o curou, que o cego e *mudo* falava e via (Mateus, 12.22. Grifo meu)

E veio ter com ele grandes multidões, que traziam coxos, cegos, *mudos*, aleijados, e outros muitos, e os puseram aos pés de Jesus, e ele os sarou.

De tal sorte, que a multidão se maravilhou vendo os *mudos* a falar, os aleijados são, os coxos a andar, e os cegos a ver; e glorificava o Deus de Israel (Mateus, 15.30,31. Grifo meu).

E, admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os *mudos* (Marcos, 7.37. grifo meu).

E um da multidão, respondendo, disse: Mestre, trouxe-te o meu filho, que tem um espírito *mudo* (Marcos, 9.17. Grifo meu).

E trouxeram-lhe um *surdo*, que falava dificilmente; e rogaram-lhe que pusesse as mãos sobre ele (Marcos, 7.32. Grifo meu).

E, admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem; faz ouvir os *surdos* e falar os *mudos* (Marcos, 7.37. Grifo meu)

E Jesus, vendo que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito *mudo* e surdo, eu te ordeno: Sai dele, e não entres mais nele (Marcos, 9.25. Grifo meu).



E eis que ficarás *mudo*, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir (Lucas 1.20. Grifo meu).

E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou *mudo* (Lucas, 1.22. Grifo meu).

Respondendo, então, Jesus, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os *surdos* ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho (Lucas, 7.22. Grifo meu).

E estava ele expulsando um demônio, o qual era *mudo*. E aconteceu que, saindo o demônio, o *mudo* falou; e maravilhou-se a multidão (Lucas 11.14. Grifo meu).

E disse-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? ou quem fez o *mudo*, ou o *surdo*, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR? (Êxodo, 4.11. Grifo meu).

Não amaldiçoarás ao *surdo*, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR (Levítico, 19.14. Grifo meu).

Os pés dos seus santos guardará, porém os ímpios ficarão *mudos* nas trevas; porque o homem não prevalecerá pela força (Samuel 2.9. Grifo meu).

E naquele dia os *surdos* ouvirão as palavras do livro, e dentre a escuridão e dentre as trevas os olhos dos cegos as verão (Isaias, 29.18. Grifo meu).

Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos *surdos* se abrirão (Isaias, 35.5. Grifo meu).

Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos [mudos] cantará; porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo (Isaias, 35.6. Grifo meu).

Trazei o povo cego, que tem olhos; e os *surdos*, que têm ouvidos (Isaias, 43.8. Grifo meu).

Quem é cego, senão o meu servo, ou *surdo* como o meu mensageiro, a quem envio? E quem é cego como o que é perfeito, e cego como o servo do SENHOR? (Isaias, 42.19. Grifo meu).

As nações o verão, e envergonhar-se-ão, por causa de todo o seu poder; porão a mão sobre a boca, e os seus ouvidos ficarão *surdos* (Miquéias, 7.16. Grifo meu).

Conforme se observa, sem criticar se certo ou errado, pois o contexto histórico se encarrega da autodefesa, os termos *surdo*, *mudo* e *surdo-mudo*



estão, em todos os momentos, atrelados à falta de algo, ou à doença, demônio, pecado e culpa. Assim foi por muitos séculos. Conforme Bakhtin no apresenta a valoração da palavra em movimento social é ideológico, pois carrega um signo e entonação de exclusão e imperfeição.

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo por um acento apreciativo determinado, sem acento apreciativo, não há palavra.

Em que consiste esse acento e qual é a sua relação com a face objetiva da significação? O nível mais óbvio, que é ao mesmo tempo o mais superficial da apreciação social contida na palavra, é transmitido através da entonação expressiva. (BAKHTIN, [1929], 2010, p. 137,138).

O acento em que Bakhtin nos registra é a valoração em que cada sujeito dará sobre uma palavra, sem esse acento ideológico, a palavra deixa de existir como língua.

Todos os estudiosos e pesquisadores das Línguas de Sinais e sujeitos com surdez conhecem o contexto histórico, político-cultural valorativos, logo, ideológicos em que o sujeito surdo foi e é subjugado por línguas hegemônicas, as línguas oralizadas, bem como as ações de um contexto específico e histórico, desde a super-valorização do sujeito com surdez, em alguns momentos da história, tratados como semideuses pela Igreja Católica na Idade Média, até ao fato de serem queimados e/ou lançados ao mar, em ambas as situações vivos, como forma de oferenda e sacrifício pelos pecados dos homens.

Perpetuaram-se ideias atreladas a conceitos aristotélicos, a partir do quais os sujeitos surdos não tinham alma, portanto, não eram reconhecidos como filhos de Deus. Esse contexto sócio-histórico-político-cultural é, sempre, descrito e reescrito em conclusões de cursos, monografias e mestrados nas áreas de inclusões e culturas em todo o país.



O sujeito com surdez foi e ainda é marcado pelas condições físicas da ausência da audição. Desejo, já em meus escritos, propor o uso do termo SUJEITO VISUAL e não sujeito surdo. Também caracterizar o sujeito pela sua língua e não pela condição física biológica. Quero aqui representar o sujeito que tem uma língua própria, uma estrutura linguística com valores próprios, com empréstimos linguísticos e regras gramaticais. Um sujeito marcado pela língua, ou seja, pela sua constituição mais íntima, a comunicação com os outros, e não pela dita deficiência auditiva - SURDO. Neste ínterim, trago Bakhtin para dialogar com nossas ideias e reafirmar que a língua é a marca do indivíduo:

A língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo. (Bakhtin, [1929] 2006, p. 270).

Conforme Bakhtin, o indivíduo tem por sua natureza a comunicação com outros, a língua é própria alma do ser, pois do indivíduo não se separa a língua, essa o próprio nativo. Entretanto, na história temos alguns episódios relevantes a serem descritos.

4. OUVINTISMO: CONGRESSO DE MILÃO

Um dos maiores e mais cruéis episódios históricos foi o Congresso de Milão, ocorrido na Itália em 1880, onde todos os sujeitos que tinham comprometimentos auditivos foram proibidos de usarem qualquer forma de comunicação visual, e obrigados a usarem, exclusivamente como meio de comunicação, as línguas oralizadas, e ainda, todo profissional da medicina poderia usar os ditos surdos-mudos como experiências para seus estudos médicos, decisões estas oriundas de sete dias de conferência, palestras e debates a respeito da “língua gestual”.

Esse Congresso acabou por tolher esses sujeitos de suas marcas linguísticas, demonstrando a relação de domínio e poder imposta pelas línguas oralizadas. A tentativa de usurpar a expressão do indivíduo



comprometia as características da essência do sujeito, levando à não valorização da capacidade VISUAL, mas sim, em destaque, da característica da deformidade física, ressaltando a denominação de SURDO-MUDO.

Durante o período em que a linguística se ocupava principalmente da evolução histórica das línguas ou dos outros problemas não relativos à estruturas linguísticas, as línguas de sinais não foram estudadas, ou seja, passaram despercebidas. Essa negligência com relação às línguas espaços-visuais foi, talvez da responsabilidade do que ocorreu em Milão, em 1880, isto é, a proibição do uso das línguas de sinais pelas escolas, pelos pais de surdos e pelos próprios surdos. Se nessa época os linguistas estivessem presentes ao encontro com seus estudos sobre essa modalidade de língua, provavelmente, a proibição não tivesse sido aprovada, e isso mudaria a história das comunidades surdas de vários países. (FERREIRA, 2010, p. 13)

Com certeza, o período em que o uso das línguas de sinais foram proibidas mundialmente, houve um retrocesso nas pesquisas, estudos e difusão das línguas de sinais, conseqüentemente, a segregação linguísticas dos usuários, os surdos.

Venho, em nome dessa cascata de retrocesso aliados as minhas experiências na esfera escolar e convívio social com estudantes e comunidades VISUAIS, propor um novo conceito, até o momento não proposto por nenhum outro pesquisador.

O SUJEITO VISUAL na atualidade vem desenvolvendo e lutando por uma bandeira de luta ideológica nunca levantada em toda esta nação, reivindicando direitos legais - e às vezes utópicos - na tentativa de “recompensar” as perdas e sofrimentos históricos. Vale ressaltar que o termo utopia, neste caso, não retrata o impossível, mas, o possível e desejável a médio e longo prazo, em que todos deveriam, em todas as esferas e contextos, comunicar-se por meio da Língua de Sinais.

Uma demanda social, representada por revoltas, indignações, sofrimentos, contestações e aspirações, está sendo representada por discursos e relatos de episódios ocorridos no passado, confrontando os



usuários da língua hegemônica, Língua Oralizada, que, em seu contexto histórico, impôs duras condições aos sujeitos visuais, desconsiderando os sujeitos como indivíduos igualitários, e implicando até mesmo em perseguição e exclusão.

Quando me refiro à perseguição e exclusão não estou usando recursos melodramáticos nem panfletários, estou me remetendo a um sujeito que ainda é marginalizado pela sua característica linguística. O sujeito visual não tem comprometimento mental nem tão pouco inferioridade cognitiva, simplesmente, utiliza-se de uma língua com estruturas e modalidades diferentes das orais, consideradas “normais” e legitimadas. O termo sujeito visual, por sua vez, caracteriza-o pela sua autonomia como sujeito, não o submetendo a uma representação física, a surdez.

5. APAE's: DEFICIENTES E/OU PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Os sujeitos visuais, até 2002, eram frequentadores somente das APAE's³, instituições responsáveis por atenderem as pessoas com algum comprometimento físico ou mental.

Com a Lei 10.436 a população brasileira começou a entender e reconhecer a Libras como língua, conseqüentemente, ampliação social de aceitação e respeito aos cidadãos com perda auditiva. Antes, eram tratados socialmente como “surдинhos”, “surdos-mudos”, “bobos alegres”, “boca aberta”, dentre outros termos usados, sendo vistos somente como sujeitos a quem faltava algo e não como possuidores de potencial de outros saberes.

Os sujeitos visuais conviviam de forma plena com crianças. Jovens e adultos com outros potenciais de aprendizagens, acompanhando-os diariamente com estratégias didáticas metodológicas sem a permissão do uso da Língua Brasileira de Sinais, esta era veementemente proibida nos

³ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais



espaços escolares das APAE's, pois essa tinha concepção oralista. Vestígios, ainda, do Congresso de Milão.

Não quero aqui também colocar à boca do leão as ações históricas das APAE's, respeito e entendo o momento e o contexto histórico em que ocorreram as ações envolvendo o sujeito/estudante visual.

Em 2002, com a Lei 10.436, constituiu-se a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade visual, entretanto, a própria lei, em seu parágrafo único, determina que: "A Língua Brasileira de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa".

Com essa ação, a própria lei não legitima a língua de sinais como estrutura linguística tão complexa e rica como a dita língua oralizada.

Vale ressaltar que o corpo docente, discente e técnicos das escolas, ainda, não se incluíram, efetivamente, neste processo de acessibilidade.

6. SURDO: DIREITO A LÍNGUA DE SINAIS, PORÉM NÃO EM SUBSTITUIÇÃO A LÍNGUA PORTUGUESA - HEGEMÔNICA

Em 2010 surge a Lei nº 12.319, de 1º de setembro, lei que reconhece o profissional Tradutor-Intérprete da Libras/Língua Portuguesa/libras. Ainda em 2015, recai sobre o profissional tradutor intérprete, quando presente na unidade escolar, a responsabilidade de mediar toda e qualquer comunicação educacional.

Inclusive, infelizmente, as mediações informais e fora de sala de aula, uma vez que o educador, em sua maioria, desconhece a língua de sinais para comunicação com seus respectivos estudantes.

Logo, com todo este contexto histórico e social, o termo SURDO ainda está impregnado ao sujeito, aquele em que falta algo, aquele que precisa consertar algo, aquele que tem algo defeituoso. Vale ressaltar que o termo surdo provém da área médica e também da estreita relação demoníaca, conforme citado anteriormente.

Segundo Fiorin (2008, p. 59), "A historicidade dos enunciados é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição". A palavra



SURDO é subjetiva, ou seja, um signo ideológico, pois rotula não um sujeito, mas uma marca de deficiência, pois, toda e qualquer palavra é carregada ideologicamente.

A palavra não é somente o signo mais puro, mas indicativo, é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhes são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. (BAKHTIN, [1929]2010, p. 37)

A palavra é histórica, é social logo ideológica. Essa necessita por sua essência de vida de novas concepções em necessidades contextuais. Uma palavra uma vez constituída ideologicamente, raramente, abandonará suas raízes históricas.

7. LÍNGUA E SUJEITO: INDISSOLÚVEIS

Em minhas apresentações em congressos nacionais e internacionais tenho divulgado e defendido o uso da palavra VISUAL e não SURDO, justificando e argumentando minha concepção linguística. Resultado de uma entrevista com um grupo de 09 (nove) estudantes visuais do Curso de Graduação Letras Libras, licenciatura da UFMT momento em que descreveram em língua de sinais as características da Língua Portuguesa e da Língua brasileira de Sinais, chegamos a estes apontamentos:

Língua Portuguesa : Auditiva, Oral, Som e Fala

Língua de Sinais: Visual, Gestual, Expressão Facial e Corporal

Logo em seguida, dando continuidade a entrevista, pedi para que eles descrevessem as características e diferenças entre um ouvinte e um surdo, assim obtive como respostas:

Ouvinte: Ouve, Oral, Auditivo, Som, Fala, Escuta.

Surdo: Deficiente, Portador de Necessidades especiais, sem som, não tem fala



Conforme Gomes e Benassi, a expressão não-manual é a marca do sujeito, pois é no momento da interação em que as marcas da língua se manifestam nos acordos de sentidos nos enunciados. A cada contexto, um novo acordo de sentidos, regido e orquestrado pela expressão VISUAL.

Desse modo, percebemos que a expressão facial é imprescindível para a comunicação e o entendimento do diálogo. Às vezes, acontecerá de ser utilizado, em um diálogo, o mesmo sinal, porém, com sentidos e em contextos diferentes, bem como poderão acontecer situações em que apenas a expressão não-manual dará sentido ao diálogo; dependerá da interação e da sintonia existentes entre os indivíduos.(GOMES; BENASSI, 2015, p. 236)

Como referencia esta concepção legítima de entonação nos enunciados, os participantes visuais iniciaram uma discussão a respeito das características linguísticas das línguas orais/auditivas com as espaços/visuais.

No momento em que começaram a argumentar suas respostas, eles próprios questionaram o por quê o ouvinte tem a mesma característica que a língua oral?

Sim, é verdade que provoquei um reflexo ao grupo. Observamos que o sujeito OUVINTE é marcado pelo seu potencial linguístico, o próprio nome remete as suas características linguísticas. Enquanto, o sujeito SURDO não é marcado pela característica de sua língua, mas sim pela sua deficiência auditiva, conceito histórico, no qual com o passado muito distante não reconhecia os gestos, as mímicas e as expressões faciais e corporais como língua.

As características apresentadas a respeito da Língua portuguesa são as mesmas aplicadas e descritas para representar os ouvintes.

Indaguei-os e se vocês fossem reconhecidos como VISUAIS, marcaria melhor as características de cada um? Neste momento todos, aplaudiram a proposta e afirmaram que sim, porque a percepção de visão deles são bem melhor que dos ouvintes.



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto quero destacar que as características da Língua Brasileira de Sinais não marcam as características ideológicas da palavra SURDO. As marcas das línguas de sinais são VISUAIS assim como para os OUVINTES as línguas auditivas.

Com isso, o sujeito SURDO luta, diariamente, por uma igualdade social em relação ao sujeito OUVINTE. Posso aqui descrever alguns fatos que comprovam minha observação: a adaptação de histórias infantis clássicas com personagens surdos, como Branca de Neve Surda, Cinderela Surda, Rapunzel Surda até Romeu e Julieta Surdos; a criação de escolas somente para surdos; a realização de concursos públicos para magistério superior somente para candidatos surdos; a exigência não legitimada legalmente de membros das bancas para concursos serem, somente, surdos; o fato de surdos namorarem apenas com surdos, pois aqueles que se relacionam com não surdos são excluídos de algumas associações e/ou dos seus pares, e passam a ser denominados de Surdos Ouvintistas⁴.

Os termos: VISUAL assim como SURDO são palavras/sinais ideologicamente concebidos socialmente, carregam uma marca ideológica de significação e valorações de sentidos acordados socialmente.

A ideologia é um sistema de concepções que está definido pelos interesses de um determinado grupo social, de uma classe e, que baseado em um sistema de valores, condiciona atitudes e comportamentos tanto dos sujeitos organizados em questão, como dos outros grupos sociais, quando se converte em ideologia dominante. (MIOTELLO, 2010, p. 40).

Também o pesquisador Ponzio, descreve em sua obra “o signo é um objeto material, um fenômeno da realidade objetiva que vai adquirindo uma função ideológica” (PONZIO, 2009, p. 109).

Conforme o pesquisador, a cada signo ideológico uma nova valoração e acordo de sentidos socialmente constituído. O contexto histórico norteará

⁴ Termo usado socialmente entre os sujeitos visuais para referir-se aos sujeitos visuais que negam a própria cultura.



a necessidade de um novo acordo de sentido ou mesmo destituir valores já estabelecidos socialmente.

Portanto, a palavra ou sinal novos não aparecem de forma descontextualizada da historicidade e necessidade do homem, pois a cada novo acordo de sentidos, uma nova necessidade e demanda social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENASSI, C. A. Do discurso do surdo com base no sofrimento do passado. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. Além dos sentidos: ensaios sobre Libras. Cuiabá: Benassi, 2014. Disponível em Revista Diálogos: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/revdia/issue/view/213>. Consulta em 20 de outubro de 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1990. Edição Contemporânea.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GOMES, L. D.; BENASSI, C. A. Linguagem corporal e expressão facial aplicada a Língua brasileira de sinais - Libras. Em: **Revista Diálogos**. Ano III, N. I, p. 222-235, 2015.

GONZÁLEZ-REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MIOTELLO, V. **Fios Ideológicos**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, SACRAMENTO, Igor (org). **Mikhail Bakhtin linguagem, cultura e mídia**. São Carlos: Pedro & João, 2010.



SIEMS, M. E. R. **Identidade Docente em questão Educação Especial em tempos de Educação Inclusiva**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

STROBELL, K. **História da Educação do Surdo**. Florianópolis, 2009.